

Campina Grande: olhares multifacetados de sua arquitetura

*Vinicius Lima Nunes**

Localizada numa posição geográfica altamente privilegiada do estado da Paraíba, na Serra da Borborema, a uma altitude média de 551 metros e distante 130 km da capital João Pessoa, encontra-se Campina Grande, uma das maiores cidades do interior do Nordeste do Brasil, com uma população estimada em 354.546 habitantes, divididos em 641,4 Km². A sua história é bastante longa: no dia 11 de outubro desse ano, a cidade comemorou seus 149 anos de emancipação política, embora constem dados comprovando a existência da localidade desde meados do século XVII. Em sua arquitetura vale salientar as grandes obras arquitetônicas vindas de épocas de riqueza na cidade, principalmente do chamado ciclo do algodão (1875 até 1960), uma atividade agrária que muito se destacou, fazendo a cidade ficar conhecida por sua infra-estrutura industrial como “Liverpool do Nordeste”, em comparação à cidade inglesa. Em 1892, possuía aproximadamente 400 prédios; no final do século, cerca de 500, continuando seu crescimento até atingir 731 prédios em 1907.

Para podermos analisar sua constituição arquitetônica atual, é necessário pelo menos conhecer as alterações ocorridas nas construções campinenses do século passado, diga-se de passagem, muito representativas.

Em 1923, ocorria a Exposição Internacional de Artes Decorativas e Industriais Modernas realizada em Paris, que viria a criar o estilo predominante nas construções da cidade: o ART DÉCO. Este se expandia pela Europa, Estados Unidos e América Latina chegando ao Nordeste na década de 1930. Nessa época, o Prefeito Vergniaud Wanderley inicia uma polêmica modernização de Campina Grande. A substituição total do casario do século XIX acompanha significativas obras de urbanização e saneamento do centro da cidade. O modernismo das novas construções chegou pelas mãos de arquitetos da Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro.

As novas fachadas de Campina Grande seguiam o padrão Tropical Déco de Miami, com prédios pequenos de até 3 andares, buscando sua inspiração na arte egípcia e da Mesopotâmia de 4.000

anos A.C., nas artes ameríndias pré-colombianas (maia, asteca, marajoara), no gótico do séc. XII , etc. Isso é sintetizado com expressões artísticas do início do século XX, como Cubismo, Bauhaus, Neoplasticismo, Futurismo, entre outras, adquirindo também, em periferias urbanas e no interior do Nordeste, diferenciações presentes na tradicional casa de porta-e-janela, chamadas de DÉCO SERTANEJO.

O Kitsche a arquitetura

“O termo kitsch (...) trata-se de um conceito universal, familiar, importante, que corresponde, em primeiro lugar, a uma época da gênese estética, a um estilo marcado pela ausência de estilo, a uma função de conforto acrescentada às funções tradicionais, ao supérfluo do progresso” (MOLES, 1994).

Quando se fala de kitsch dentro do contexto da arquitetura, se tem à intenção de avaliar o quanto da beleza de uma construção não está ligada apenas ao gosto dos seus construtores. Ornamentos em um lustre ou cobogó podem ser, independente do estilo arquitetônico que esteja “na moda”, uma manifestação do gosto pessoal tanto de um arquiteto que deseja agradar um cliente, como de um devaneio artístico associado ao nível de opulência a que um prédio esteja destinado. Por exemplo: qualquer ambiente fechado necessita de uma iluminação, mas um aristocrata que construiu sua casa no passado, concebendo um palácio para recepção de seus amigos, encomendou a instalação de lustres de concreto com formato de borboleta e com detalhes em ouro. Isto é kitsch arquitetônico: agregar valores estéticos, apenas por satisfação, a edificações.

Fotografia & arquitetura

Na fotografia de arquitetura, as formas são encaradas símbolos de suas funções, que foram préconcebidas pelo autor do projeto,

que estudou o seu uso, as redondezas, o clima, o cenário, o cotidiano, etc. É importante que a imagem tenha o máximo de informações e expresse a maior fidelidade possível, podendo mostrar transparências, formas, linhas, texturas, padrões, materiais, estrutura, e até como o edifício está inserido na paisagem urbana e sua relação com a cidade.

A fotografia é uma linguagem, e o domínio da linguagem oferece à pessoa que a domina uma forma de conhecer a realidade e de transmitir ao outros esse conhecimento. As fotos isoladas de um contexto histórico/sociológico só transparecem seu valor estético, deixando de comunicar sua real intenção, embora esse contexto nem sempre possa ser resgatado devido a adversidades que suprimiram, com o passar dos anos, documentos e relatos sobre origem e cotidiano nas construções mais antigas. Cabe ao pesquisador/ fotógrafo reunir o máximo de informações para fazer o seu embasamento.

As condições ideais para fotografar arquitetura em relação à hora do dia, luz e outras são com a luz lateral do início ao meio da manhã e com a luz do início ao meio da tarde, para evitar sombras inadequadas. Quanto ao filme, colorido ou p&b vai depender da obra e do que se quer destacar. Por exemplo: o p&b mostra melhor a luz, sombras e texturas. O colorido também é importante, pois serve para mostrar a composição de algum material ou o próprio estudo de cores da obra. Devido aos avanços dos laboratórios de revelação, já é possível fazer as fotos em filme colorido e ampliá-las em preto e branco, embora seja necessário um raciocínio específico para o uso de cada tipo de película.



Pavilhão Epitácio Pedrosa, no Beco do 31. O acesso para o pavilhão se dá por esta escada, escondida por algumas lojas. Em idos do início do século 20, o local era uma hospedagem de luxo para influentes visitantes da cidade. Tal escada era recoberta com cetim vermelho.



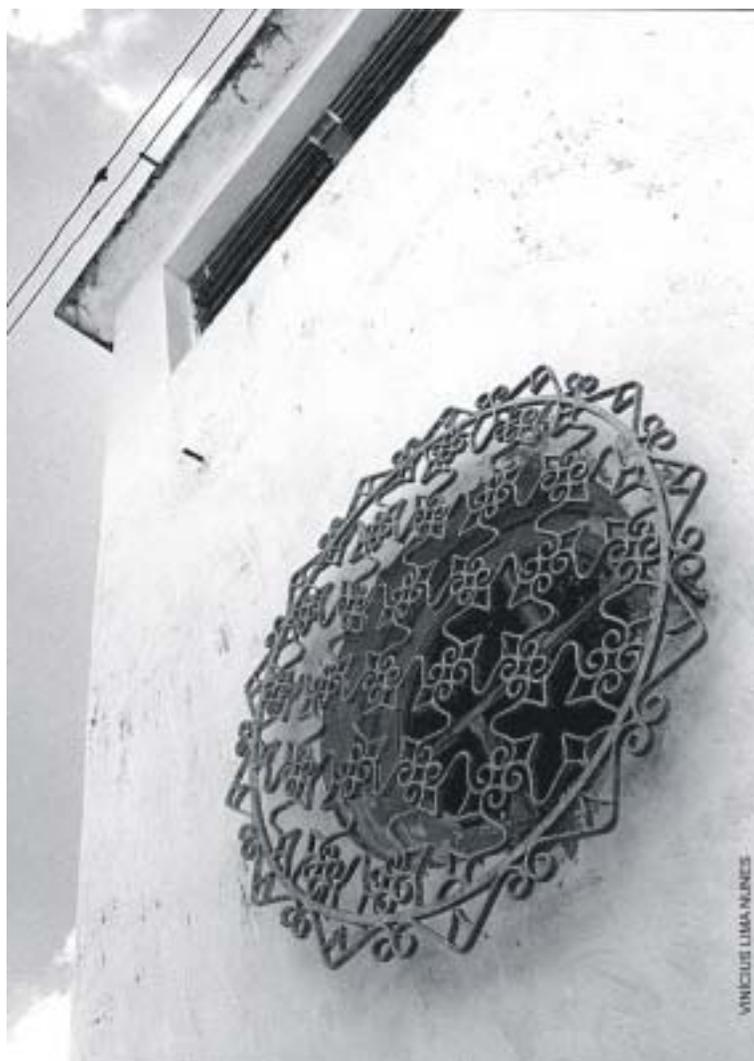
Residência onde se encontra a Auto-escola Bandeirantes e a residência de seus locatários. Este prédio já sediou o Juizado de menores, o Procom e outras empresas em épocas remotas do início do século passado. Pertenceu a um fazendeiro de algodão que a construiu no fim do século XIX. Suas particularidades: apresenta fachada em Art Déco (reformada), interior em estilo colonial e fundos no estilo Barroco, devido às suas várias reformas.



Residência onde prepondera o estilo Art déco, datada de 1918. A abordagem das fotos seguiu as formas geométricas: a casa apresenta cômodos apertados e circulares, grades finamente trabalhadas em formas orgânicas, além de canteiros de flores em formato de estrela, como este.



Residência onde prepondera o estilo Art déco, datada de 1918. A abordagem das fotos seguiu as formas geométricas: a casa apresenta cômodos apertados e circulares, grades finamente trabalhadas em formas orgânicas, além de canteiros de flores em formato de estrela.



Residência onde prepondera o estilo Art decó, datada de 1918. A casa apresenta cômodos apertados e circulares. Esta é uma de suas grades, finamente trabalhadas em formas orgânicas.



A edificação onde hoje se encontra a farmácia de manipulações Pharma Face apresenta uma fachada no estilo Art decó, embora seu interior tenha sido reformado até certo ponto: no fim do prédio, em uma área que pode ser vista a partir de uma rua lateral, existe um cobogó comemorativo dos 100 anos da cidade. “Campina Centenária 1864-1964”.

Notas

* Vinicius Lima Nunes é fotógrafo e estudante do curso de Arte e Mídia da Universidade Federal de Campina Grande. O autor tem trabalho fotográfico intitulado "Fragmentos de uma Memória Esquecida", exposto na Cultura Inglesa de Campina Grande e na Ceilândia - DF.

Referências Bibliográficas

MOLES, Abraham A. **O Kitsch**. A Arte da Felicidade. Trad. Sérgio Miceli
São Paulo: Perspectiva, 1994.

SITES ANALISADOS

Prefeitura Municipal de Campina Grande
www.pmcg.pb.gov.br

Guia Campina
www.guiacampina.com.br

André Porto Fotografias
www.directnet.com.br/users/andreporto/index.htm